

**ELEMENTOS PARATEXTUAIS EM DOM QUIXOTE DE LA MANCHA  
E MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

**PARATEXTUAL ELEMENTS IN DON QUIXOTE DE LA MANCHA  
AND THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS**

Marlene Rodrigues Brandolt<sup>1</sup>

Jackson Gil Avila<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** O presente artigo consiste em uma reflexão voltada ao reconhecimento do paratexto em torno das dimensões de um livro editadas no mesmo produto e localizadas fora desse ambiente. Trata-se de motivo para associar as modificações gráficas vinculadas ao texto principal com outras formas de edição. Objetiva-se pensar as literaturas mencionadas a partir dos elementos do livro que assumem uma ligação significativa na leitura, mas, por vezes, passam despercebidos pelo público; nesse sentido, a disposição paratextual que reforça a aproximação da capa, do autor e da editora com o leitor será observada a partir do epitexto que circula na publicidade digital. A matéria paratextual leva em conta as divisões nomeadas pelos termos peritexto e epitexto, seguindo o ponto de vista de Gérard Genette. O corpus literário selecionado diz respeito às versões de Dom Quixote de La Mancha, de Miguel de Cervantes, em dois volumes, e a de Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas, nos relançamentos em espaços de editoras impressas e pela internet.

**Palavras-chave:** paratexto; peritexto e epitexto; literário.

**Abstract:** The present article consists of a reflection that recognizes the paratext around the dimensions of a book edited in the same product and located outside that environment. This is a reason to associate the graphic modifications linked to the main text with other editing forms. The objective is to think of the mentioned literature from the elements of the book that assume a significant connection in reading, but sometimes become unnoticed by the public; thus, the paratextual disposition that reinforces the approximation of the cover, the author, and the publisher with the reader will be observed from the epitext that circulates in digital advertising. The paratextual material takes into account the divisions named by the terms peritext and epitext, following the point of view of Gérard Genette. The selected literary corpus concerns the versions of Dom Quixote de La Mancha (two volumes written by Miguel de Cervantes) and Posthumous Memoirs of Brás Cubas (written by Machado de Assis) in print and digital re-releases.

**Keywords:** paratext; peritext and epitext; literary.

**Submetido em 12 de setembro de 2020.**

**Aprovado em 25 de maio de 2021.**

---

<sup>1</sup> Pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: mbrandolt@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Email: silegil@gmail.com

## Introdução

A OBRA LITERÁRIA CONSISTE, EXAUSTIVA ou essencialmente, em um texto, isto é (definição mínima), em uma sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos plenos de significação (GENETTE, 2009, p. 9 [grifos no original]).

O crítico literário francês e teórico da literatura Gérard Genette, em *Paratextos Editoriais*, de 2009, amplia a relação do livro com elementos adicionais que têm por finalidade alcançar o efeito artístico no público-leitor. Essa interação é parte de um único plano textual, mas existe com características distintas, uma relativa à produção, o próprio texto, e outra a de produtora ligada a recursos internos ao livro e a elementos fora do texto. O entrecruzamento sugerido na epígrafe, a qual abre este estudo, denomina-se paratexto, marcado no espaço limiar entre a obra e o texto principal, que consiste da capa, nome do autor, títulos, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, entrevistas e debates sobre o livro, entre outras ferramentas que, apesar de visíveis, atuam sem que o destinatário examine detalhadamente os sentidos que se ajustam a diferentes leituras.

Nesta análise a intenção é discutir o paratexto dada a multiplicidade de informação que um livro pode carregar, sendo, portanto, necessário fazer um recorte nas explicações complementares que apresentam um volume e outro do livro. Conforme justificativa de Gérard Genette, o paratexto é “uma zona de transição entre o texto e o extratexto” (GENETTE, 2009, p. 358) e, sem fazer fronteira com o texto principal, ele transpõe com alterações o livro do tempo original para o tempo que sucede a cada geração. Trata-se de associar as modificações gráficas ao duplo sentido etimológico de valor periférico – por estar vinculado ao texto principal – e agregador, por acompanhar e orientar os volumes impressos ou de outras formas de edição. Gérard Genette (2009) observa que “os caminhos e domínios do paratexto se modificam sem cessar conforme [...] as edições de uma mesma obra com diferenças às vezes consideráveis”. O autor afirma ainda que “jamais existiu um texto sem paratexto”, explicando em nota de rodapé que o paratexto “impõe-se a toda espécie de livro”, evidência reconhecida na fórmula digital ou do material gráfico na apresentação do livro (GENETTE, 2009, p. 11).

Neste estudo, interessa pensar a confecção do livro, no Brasil, com vínculo específico entre a capa, autor e editora, nos relançamentos da editora Martin Claret dos

volumes I e II de *Dom Quixote de La Mancha*, do escritor espanhol Miguel de Cervantes, de 2007, e de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, do autor brasileiro Machado de Assis, reeditados pela Editora Ática em 1977 e 1992. As alterações editoriais revelam a flexibilidade de um material impresso para o digital que alcança o século XXI, procedimento adaptado às mudanças necessárias de editoras e de links especializados em literatura que ficam encarregados da apresentação dos romances clássicos de autores de períodos e localizações diferentes.

### **Elementos paratextuais nos livros *Dom Quixote de La Mancha* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas***

Para definir esta análise, as reflexões tratam dos paratextos cuja categoria se divide em peritexto, feitiço que se situa “no espaço do mesmo volume” e outro “na parte externa do livro: em geral em um suporte midiático” (GENETTE, 2009, p. 12), definido por epitexto. Os dois formatos são arbitrários, isto é, revezam-se como práticas de recepção do leitor provocadas pelo autor e o editor.

Na importância da literatura, é bom citar a versão em estudo de 2007, de *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, que fora lançada em duas partes: a primeira de 1605 e a segunda de 1615, publicada pela Martin Claret. As reedições ilustradas, de acordo com as figuras indicadas, fazem parte da coleção “A obra-prima de cada autor – Série Ouro” com dois volumes. O elemento paratextual relativo à capa traz ilustrações de personagens centrais do idealismo da cavalaria e do realismo renascentista. As imagens materializam a figura de Dom Quixote, um personagem de meia idade que se torna cavaleiro andante, Alonso Quijano, que resolve mudar o nome para Dom Quixote de La Mancha, protagonista que assume o espírito de aventura.

Figura 1. Volumes I e II de *Dom Quixote de La Mancha* (2007).



Fontes: <http://martinclaret.com.br/livro/dom-quixote-de-la-mancha-vol-i/>  
<http://martinclaret.com.br/livro/dom-quixote-de-la-mancha-vol-ii/>

Na tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo, das publicações da editora indicada, a dedicatória figura no primeiro volume ao Duque de Béjar; na inscrição há uma relação pertinente com o texto, solicitando a assistência à produção dos que condenam com “menos justiça os trabalhos alheios” (CERVANTES, 2007, p. 17). Assinada por Miguel de Cervantes Saavedra, o instrumento paratextual é aparentemente de designação do autor; entretanto, a nota de rodapé, na voz do tradutor, o qual ocupa o espaço do paratexto, na transposição de uma cultura para outra, esclarece que o Duque de Béjar não se distinguiu no mundo das letras e que o autor não volta a falar sobre ele; a explicação “pode insinuar uma salutar incerteza” (GENETTE, 2009, p. 119) da presença do próprio autor no desenvolvimento da ficção.

Esse discurso autoral segue no prólogo de *Dom Quixote* com a desculpa por não ter produzido a obra sonhada: “creias que com toda minha vontade quisera que este livro [...] fosse o mais formoso, contudo, queixa-se ser ‘estéril e mal cultivado’” (CERVANTES, 2007, p. 19), contando com o público para estabelecer uma justa recepção. O aspecto paratextual na obra do escritor espanhol traduz uma época em que o gênero exigia saudação, agradecimento ou pedido a um leitor específico, procedimento adotado que trata “de um ato público no qual o leitor é de algum modo chamado a testemunhar” (GENETTE, 2009, p. 123).

Com paratextos variados, no segundo volume, a capa sugere um encantamento causado pela sombra dos vultos em combate, provocando uma perspectiva ilusória,

como é o próprio fazer literário. O prólogo mantém o mesmo sentido de garantir a recepção ao leitor, mas diferentemente do lugar do Tomo I, a dedicatória é feita ao Conde de Lemos. Segundo o efeito produzido em nota de rodapé, a voz autoral dedicou ao conde a segunda parte da obra, “já que o Duque de Béjar, a quem havia sido dedicada a primeira parte, não correspondeu à fineza do novelista” (CERVANTES, 2007, p. 17).

No cruzamento de vozes “sempre existe uma ambiguidade na destinação de uma dedicatória de obra, que sempre tem em vista pelo menos dois destinatários: o dedicatório, é claro, mas também o leitor, já que se trata de um ato público no qual o leitor é, de algum modo, chamado a testemunhar” (GENETTE, 2009, p. 123). Na página de rosto de *Dom Quixote de La Mancha*, na dedicatória “Ao Duque de Béjar”, o recurso paratextual, interno ao texto, amplia o local de sujeito do autor, que se apresenta “como editor, responsável no detalhe pelo estabelecimento e pela organização do texto” (GENETTE, 2009, p. 299). O escritor de Dom Quixote oferece um suporte de extensão ao tom autoral que se insere na ficção, garantindo a recepção da obra pelo discurso narrativo dirigido a um certo “Desocupado leitor” (CERVANTES, 2007, p. 17-19).

Em resumo, o comparatismo articulado ao paratexto autoral é uma estrutura identificada por um jogo de apelos internalizados por quem cria o texto, aspectos que precisam estar evidenciados na inter-relação organizada por meio de peritextos editoriais na apresentação do livro. Na ficção, o idealismo do protagonista, em contraste com a dureza da realidade, provoca gargalhadas e, simultaneamente, conquista a empatia do leitor. Através das várias peripécias e derrotas de Quixote, Miguel de Cervantes faz uma crítica à realidade política e social do seu país.

As designações paratextuais que estabelecem simples ilustrações, na verdade, são comprometidas com o horizonte de expectativa da editora, que não é fator isolado da intenção dos próprios autores, isso porque ambos dispõem dos critérios de parceria “dentro do contexto maior de interação entre leitores profissionais e não-profissionais, entre as instituições de educação e a sociedade como um todo” (LEFEVERE, 2007, p. 13-17). Melhor dizendo, o conjunto paratextual modela as escritas de uma literatura com identificações que correspondem a uma perspectiva coletiva, possibilitando o caráter de mobilidade do processo de comparação, caracterizando-se como “uma poética mutável e em mudança, estabelecida pela reescritura” (LEFEVERE, 2007, p. 64) que se relaciona ao olhar do leitor “em igual ou maior proporção que os escritores,

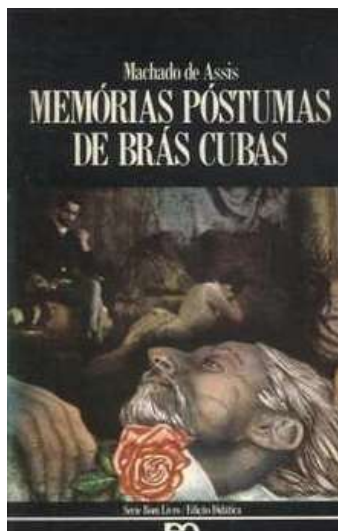
pela recepção geral e pela sobrevivência de obras literárias [...]” (LEFEVERE, 2007, p. 13). A pertinência da intenção do autor indicada nas leituras anteriores é também um elemento funcional em Machado de Assis, a saber, com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cujo prólogo remete à presença do autor no espaço da ficção. Essa interferência do autor no campo de leitura tem, a rigor, um lugar permanente e outros elementos que concorrem para a organização dos recursos gráficos, a pensar, a nota de rodapé depende da temporalidade de cada edição, “pode aparecer a todo momento, pode também desaparecer, definitivamente ou não, por decisão do autor ou por intervenção alheia, ou em virtude do desgaste do tempo” (GENETTE, 2009, p. 3).

As contradições suscitadas pelos paratextos são viabilizadas pelo procedimento editorial, uma vez que não se contenta em expor títulos, nome do autor, prefácio, posfácio, epígrafe, dedicatória. Além dessa posição, Gérard Genette chama atenção para a sobreposição da existência do autor e da narrativa sobre a conduta editorial; apesar de considerar os subsídios de avanço comercial para transformar o texto em livro, o paratexto define a presença do autor e da narrativa no mundo de expectativa do leitor, característica que as editoras impressas e digitais precisam trabalhar.

A pertinência da intenção do autor Miguel de Cervantes, portanto, é também um elemento funcional no clássico da literatura brasileira de Machado de Assis. Com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nas edições mencionadas, o prólogo remete à presença do autor no campo da ficção. Essa interferência do autor tem um lugar permanente nos recursos gráficos de cada edição selecionada, mas pode ter “mudanças atualizadas do material exposto ao público” (GENETTE, 2009, p. 13), como as que se verificam em algumas situações comentadas neste estudo.

Os paratextos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* seguem as adaptações da Editora Ática e o formato pela estante virtual da Amazon; um e outro veículo de circulação da obra mantêm no acabamento do livro – percebido na capa e em comentários internos aos volumes, bem como os externos – a autenticidade do título que se completa na trama criada pelo autor, porém alguns confrontos se mostram na confecção das edições vinculadas – a 6ª e a 18ª edições.

Figura 2. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1977).



Fonte: [https://www.estantevirtual.com.br/sebomelivro/machado-de-assis-memorias-postumas-de-bras-cubas-2500727866?show\\_suggestion=0](https://www.estantevirtual.com.br/sebomelivro/machado-de-assis-memorias-postumas-de-bras-cubas-2500727866?show_suggestion=0)

O primeiro lançamento, em estudo, é de 1977, conforme gravura com ilustrações na capa, cujas linhas misturam figuras humanas, uma delas a de um homem morto. Com a aparente seriedade percebida na capa, o desenho do homem inerte contrasta com o vigor da flor vermelha sobre o peito dele. Por tais indicativos, a editora faz uma chamada para o tom de fatalidade e irônico do texto ficcional, bem como alude à ironia de segmento narrativo realista e intransigente que, conforme palavras do crítico José Guilherme Merquior (1977), as quais antecedem ao texto ficcional, “em Machado, o experimentalismo ficcional está animado pelo espírito de brincadeira e zombaria” (p. 7). Na edição, soma-se aos desenhos da capa o nome do autor, da obra, da editora e a parceria com a Série Bom Livro, uma reprodução de fins didáticos. No meio editorial, a disposição paratextual fundamenta a demanda para versões, algumas com viés didático, caso das tiragens da “Ática”. Assim, a 6ª impressão destaca o valor pedagógico do acervo com o apoio do Instituto Nacional do Livro, considerando o produto como suporte de formação de leitores.

Figura 3. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1922).



Fonte: [https://www.estantevirtual.com.br/livrosusadosmogimoderno/machado-de-assis-memorias-postumas-de-bras-cubas-2595434500?show\\_suggestion=0](https://www.estantevirtual.com.br/livrosusadosmogimoderno/machado-de-assis-memorias-postumas-de-bras-cubas-2595434500?show_suggestion=0)

Na 18ª edição, aqui delineada, a produção de 1992 traz igualmente a crítica de José Guilherme Merquior, a qual ocupa a página três até a sete, em que o autor associa as questões de crise do momento social, histórico, cultural e literário do protagonista de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a uma estrutura elástica com inclinação lúdica emoldurada por uma “realidade burguesa” (MERQUIOR, 1992, p. 4). Além da crítica mencionada, a edição da Ática inclui, no final do livro, um texto de Carlos Faraco (1992) com histórico biográfico de vida e obra do autor, e o contexto social da época, ilustrado com fotografias de ruas do Rio de Janeiro, a exemplo da do Ouvidor, conhecida como centro de luxo, e mais a cópia do Jornal “A Marmota Fluminense”, de 1855, onde Machado de Assis fez a estreia literária, tornando-se membro da redação do veículo. A contracapa apresenta a síntese da obra e informações do estilo do romance – marco inaugural do Realismo no Brasil.

Nas edições comentadas da Ática, a formatação do livro mantém alguns peritextos, como nome do autor e título da obra, acontecendo alterações quanto à disposição de esclarecimentos equivalentes, por exemplo, às notas biográficas, do desenho na capa, de manifesto de coleções e da reforma ortográfica brasileira, conforme a citação na folha de rosto da edição de 1992, da editora. Em geral, as edições cuidam dos direitos das obras, de desenhar a figura do autor nas capas e nas páginas iniciais dos livros, bem como de usar, na “parte visível de um livro colocado na prateleira”

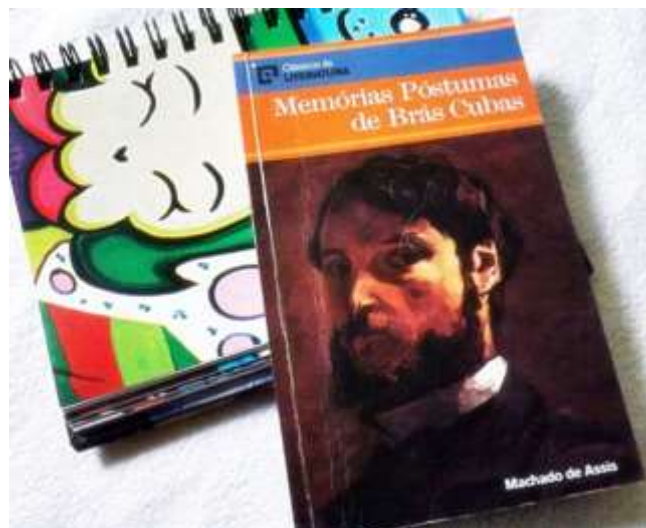


(GENETTE, 2009, p. 27), denominada lombada, o nome do autor. Embora a orelha do livro não se separe fisicamente da obra, a 18ª edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não inclui tal apresentação do texto; a exceção fica com a 6ª edição da Ática, em que tal espaço vem ilustrado com o rosto de uma moça como uma representação que objetiva despertar o interesse para o conteúdo intimista do narrado.

Em outras palavras, os aspectos editoriais sublinhados pela capa da Editora Ática sugerem a vida atribulada do personagem Brás Cubas, o gênero-cômico do romance e a natureza fantástica, isto é, “inverossímil”, a começar pela capa, que propõe o relato feito por um defunto (MERQUIOR, 1992, p. 4). A argumentação é sustentada pelo peritexto, marcado por elementos editoriais e do autor – ambos se situam em locais distintos e, em comum, transitam pelo espaço da obra com a finalidade de orientar a interpretação, evidenciando aí um acordo entre produtor, escritor e o público leitor. Esse acordo ajusta-se ao texto, ao qual não pode parar, por exemplo, numa estante de biblioteca; o seu movimento constitutivo é “a travessia (ele pode especialmente atravessar a obra, várias obras)”, diz Roland Barthes (2004, p. 67).

Em outros termos, o peritexto – aliado à capa, ao ilustrador, aos críticos no recinto do livro – é também uma possibilidade de viabilizar a propaganda da gráfica e do criador no mercado virtual. Machado de Assis faz-se presente nos dois segmentos de circulação do livro, ajustando-se aos aspectos do epitexto; palavra que, segundo Gérard Genette, encontra-se em qualquer lugar fora do texto, o qual pode vir anexado em endereços eletrônicos especializados em literatura, para exemplificar, o blog, de 04 de outubro de 2015, *Atraídos pela leitura*, “Resenha – Memórias Póstumas de Brás Cubas” (ATRAÍDOS PELA LEITURA, 2015). Nele, o redator situa a obra no período do Realismo e comenta o prólogo na sua forma de um epitáfio – frase escrita em túmulo – com a qual o autor busca atrair a atenção do leitor. Aliás, no decorrer da trama, o narrador diz “gosto dos epitáfios; eles são [...] um farrapo ao menos da sombra que passou” (ASSIS, 1992, p. 170).

Figura 4. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.



Fonte: <https://literaturapresente.wordpress.com/2015/10/04/resenha-memorias-postumas-de-bras-cubas/>

O blog disserta sobre um enredo que ainda causa estranhamento, uma vez que a narrativa é feita a partir das impressões de um defunto, Brás Cubas, membro da elite carioca do século XIX, herdeiro de terras e escravos. Do ponto de vista literário, o escritor cria a personagem Marcela, uma paixão de adolescência do protagonista narrador. Nela reúne perspectivas da luxúria e da beleza romântica, restando, no final, a decadência moral e física, cuja linda aparência transforma-se em “feia, magra, decrépita” (ASSIS, 1992, p. 175). Machado de Assis descreve essas mazelas humanas compondo um quadro triste da miséria que não foi salva pelo emplasto Brás Cubas, situação tão próxima à realidade atual em que se almeja a vacina que salve o mundo do temor do coronavírus, o qual se impõe com poder no transcurso do século XXI.

A sociedade não se libera dos momentos bélicos traçados por uma literatura que trabalha a profundidade humana, característica presente nos dois escritores em estudo, que, apesar dos séculos que os separam artisticamente, circulam juntamente pelas tipografias e em páginas eletrônicas contemporâneas. A argumentação é confirmada, por exemplo, em links disponíveis pela mídia, a saber, do canal em parceria com os serviços de compras virtuais da Amazon, que faz propaganda da Editora Sol90, a qual mantém no design da capa do livro a figura que alude a Machado de Assis animado por uma referência mitológica. Ao mesmo tempo, o desenho revela a trama criada pelo autor, na aparência humana imprecisa e de aspecto conflituoso que remete ao personagem também contraditório; a diferença em relação às capas impressas da Ática fica na cor que passa dos tons neutros para as linhas pretas sobrepostas ao rosto do autor

em meio a cores em tom lilás, sugerindo uma figura transfigurada e em movimento, diferente das fotos inertes das edições apresentadas. Em comum, as editoras mostram o desdobramento que a capa insinua, como uma expectativa realista diferente dos contornos de um romantismo idealizado.

Nesse sentido, a divulgação do livro “é a garantia de uma seleção baseada na reprise, isto é, na reedição” (GENETTE, 2009, p. 25) que pode manter os aspectos internos da obra ou observada como referência epitextual. A saber, *Dom Quixote*, do realismo renascentista, obra com influências nas várias gerações de escritores e leitores, ganha versões atualizadas em audiolivro, em que há a interpretação de atores articulada ao tempo da escrita do narrador da história ficcional, conforme exposição no site da Amazon.

Figura 5. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

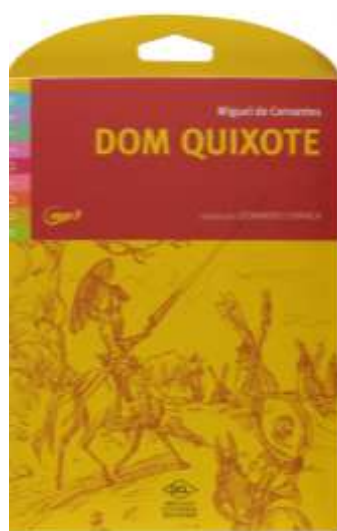


Fonte: [https://www.amazon.com.br/Mem%C3%B3rias-P%C3%B3stumas-Cubas-Cl%C3%A1ssicos-Melhoramentos-ebook/dp/B07FB44MZ5/ref=asc\\_df\\_B07FB44MZ5/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379816282445&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=16363736110139824378&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmidl=&hvlocint=&hvlocphy=1031773&hvtargid=pla-811027132454&psc=1](https://www.amazon.com.br/Mem%C3%B3rias-P%C3%B3stumas-Cubas-Cl%C3%A1ssicos-Melhoramentos-ebook/dp/B07FB44MZ5/ref=asc_df_B07FB44MZ5/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379816282445&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=16363736110139824378&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcmidl=&hvlocint=&hvlocphy=1031773&hvtargid=pla-811027132454&psc=1)

A conversão eletrônica da obra *Dom Quixote* alcança outras fontes de circulação, como a edição da *Comunidade de Leitores em Quarentena* (RECONQUISTA, 2020), e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* encontra-se no blog *Leitura de obras clássicas aquece período de quarentena* (BARBOSA, 2020), bem como Machado de Assis é notícia em revista americana com nova tradução de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que se esgotou nas lojas online, conforme diz o jornalista

Maurício Meireles, na Edição Impressa da Folha de São Paulo, em junho de 2020. São literaturas digitalizadas que saem para as prateleiras do leitor. Tal deslocamento, hoje, é bastante natural e indicativo da permanência dos autores, os quais – em espaços e tempo diferentes – colocaram em pauta o desvio de comportamento de personagens, descaracterizando e discutindo a normalidade mental e social de suas épocas, dentre outros aspectos. São essas algumas possibilidades interpretativas que mobilizam ainda as críticas literárias, bem como subsidiam discursos de leitores que se mantêm fascinados pelas literaturas que Miguel de Cervantes e Machado de Assis produziram com tanta lucidez.

Figura 6. Audiolivro *Dom Quixote*.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Dom-Quixote-Audiolivro-Miguel-Cervantes/dp/8536809159?tag=lomadee0850007623->

[20&ascsubtag=226536316966z176z1590145730226&lmsid=302236316966-176-1590145730226](https://www.amazon.com.br/Dom-Quixote-Audiolivro-Miguel-Cervantes/dp/8536809159?tag=lomadee0850007623-20&ascsubtag=226536316966z176z1590145730226&lmsid=302236316966-176-1590145730226)

### **Considerações finais**

No sentido de pensar a circulação dos romances em análise, a mídia e as editoras foram recursos básicos para refletir sobre a apresentação adequada de elementos paratextuais internalizados e fora do livro, com a qual os serviços de divulgação tratam de: a) interferir na maneira de pensar de quem lê, b) definir o ponto de vista editorial e do autor a partir de um momento sócio-histórico e literário, c) intermediar os discursos entre autor, texto, editor e leitor e d) estabelecer fontes editoriais associadas à intenção dos autores.

De certa maneira, alguns preceitos desenvolvidos acerca do assunto permitiram observar que a experiência estética do livro e do texto suscita estudos quanto às equivalências e ao distanciamento que os termos promovem entre eles; outro detalhe mostra que, mesmo inserida no rigor de uma política editorial, a reunião gráfica consegue proteger a obra e a narrativa do desaparecimento. Uma das razões para tanto se vincula à circulação de esclarecimentos que instigam novas leituras, intensificando o processo de recepção da obra no espaço e tempo de cada geração de leitor. Resta comentar que a descrição periférica em torno do texto se abre para outros estudos de esclarecimento acerca da composição do livro e da dependência com o mercado editorial que tem influência direta na divulgação das produções em variadas áreas do conhecimento. A distinção pode ser verificada numa cultura de publicação, para examinar os posicionamentos editoriais e dos escritores quanto aos interesses, considerando que, para o editor, o paratexto é um veículo comercial, enquanto, para o autor, a ação de editar tem por critério maior a permanência do texto em páginas impressas ou digitais junto ao leitor.

## Referências

ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 18<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 6<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Ática, 1977.

ATRAÍDOS PELA LEITURA. *Resenha – Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Outubro, 2015. Disponível em: <https://atraidospelaleitura.wordpress.com/2015/10/04/resenha-memorias-postumas-de-bras-cubas/>. Acesso em: 22 maio 2020.

BARBOSA, Diego. *Leitura de obras clássicas aquece período de quarentena*. Diário do Nordeste. Abril, 2020. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/verso/online/leitura-de-obras-classicas-aquece-periodo-de-quarentena-1.2234412>. Acesso em: 20 maio 2020.

BARTHES, Roland. *Da obra ao texto*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. Vol. 1 e 2. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote – Audiolivro*. Agosto, 2010. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Dom-Quixote-Audiolivro-Miguel-Cervantes/dp/8536809159?tag=lomadee0850007623-20&ascsubtag=226536316966z176z1590145730226&lmsid=302236316966-176-1590145730226>. Acesso em: 21 maio 2020.

Editora Sol90. Anúncios: capas de Memórias Póstumas de Brás Cubas (Clássicos Melhoramentos) eBook Kindle. Disponível em: [https://www.amazon.com.br/Mem%C3%B3rias-P%C3%B3stumas-Cubas-Cl%C3%A1ssicos-Melhoramentos-ebook/dp/B07FB44MZ5/ref=asc\\_df\\_B07FB44MZ5/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379816282445&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=16363736110139824378&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcm dl=&hvlocint=&hvloclp hy=1031773&hvtargid=pla-811027132454&psc=1](https://www.amazon.com.br/Mem%C3%B3rias-P%C3%B3stumas-Cubas-Cl%C3%A1ssicos-Melhoramentos-ebook/dp/B07FB44MZ5/ref=asc_df_B07FB44MZ5/?tag=googleshopp00-20&linkCode=df0&hvadid=379816282445&hvpos=&hvnetw=g&hvrand=16363736110139824378&hvpone=&hvptwo=&hvqmt=&hvdev=c&hvdvcm dl=&hvlocint=&hvloclp hy=1031773&hvtargid=pla-811027132454&psc=1). Acesso em: 12 junho 2020.

FARACO, Carlos. Introdução. In: ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 18ª. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

GENETTE, Gérard. *Paratextos Editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LEFEVERE, André. *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução Claudia Matos Seligmann. Bauru: EdUSC, 2007.

MEIRELES, Maurício. *Nova tradução de Machado de Assis nos Estados Unidos esgota em um dia*. Folha de São Paulo. Junho, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/nova-traducao-de-machado-de-assis-nos-eua-esgota-em-um-dia.shtml>. Acesso em: 15 julho 2020.

MERQUIOR, José Guilherme. Introdução. In: ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 18<sup>a</sup>. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

RECONQUISTA. *Quarentena: Dom Quixote anima Comunidade de Leitores*. Abril, 2020. Disponível em: <https://www.reconquista.pt/articles/quarentena--dom-quixote-anima-comunidade-de-leitores>. Acesso em: 20 maio 2020.